

ANEXO

- Formulário -

Nome: _____

Data de Nascimento: ___ / ___ / _____

Email: _____

QUESTIONÁRIO

1) Você conheceu o Maestro Joaquim Naegele?

() sim () não

2) Qual grau de parentesco com Naegele?

() amigo

() filho(a)

() primo

() esposa

() neto(a)

() outro: _____

3) Conhece alguém da família de Joaquim Naegele?

() sim () não

Quem? _____

4) Trabalhou em algum momento da vida com Joaquim Naegele?

() sim () não

Detalhes _____

8) Relativo à obra “A Vida pela Flor”, já ouviu e/ou tocou a peça?

() sim, já ouvi esta peça.

() sim, já toquei esta peça.

() nunca ouvi, desconheço.

9) Conhece o fato que levou o compositor a escrevê-la?

() sim () não

Descreva

o(s)

fato(s):

10) Quando você ouviu ou tocou a obra, qual era a banda que executava? Qual a data aproximada da gravação ou do concerto? Em qual local foi realizada a gravação/apresentação? Quem era o clarinetista que fez a parte solo e qual é o maestro que regeu a peça?

11) Tem gravação em áudio ou vídeo dessa peça?

sim não

Em que mídia? _____

12) Você conhecia o clarinetista que executou a peça?

sim não

Qual era o nome dele? Qual era a banda que o acompanhava?

13) Sabe quando, a onde e qual o nome do maestro, do solista (clarinetista) e a banda que fizeram a 1ª execução da obra?

sim não

Detalhes

14) Você já tocou a obra A Vida pela Flor?

sim não

Qual instrumento?

15) Sabe se a obra teve uma dedicatória? Se houve, a quem?

sim não

Qual o parentesco da pessoa que recebeu a dedicatória de Joaquim Naegele?

16) Possui a partitura e/ou as partes da obra “A Vida pela uma Flor”?

sim não

Quais?

- Transcrição das entrevistas –

As folhas que seguem possuem a transcrição das entrevistas realizadas entre o mês de outubro e dezembro de 2012. Elas foram transcritas da forma mais fiel possível à gravação. Algumas partes foram suprimidas e/ou realocadas em uma sequência lógica diferente da disposta na gravação.



Transcrição da entrevista com o professor Fernando Silveira realizada na Uni Rio no dia 16/10/2012. Fernando Silveira tocou na Banda de Música do Colégio Salesiano de Santa Rosa em Niterói e executou essa peça com a banda na década de 1980.

O senhor conhece ou sabe me dizer se essa foi a primeira composição para clarineta solo e banda escrita por um brasileiro?

[Fernando Silveira] Certamente não foi. Eu toquei uma obra para requinta datada em 1880 de Manoel Tranquilino de Bastos (1850 – 1935), um mestre de banda da Bahia, que também escreveu para clarineta e banda de música.

Qual era a instrumentação usada pela banda em que o senhor tocava?

[Fernando Silveira] Naegele era muito ‘descolado’. Se ele fosse tocar com uma banda que tivesse um instrumento que não estivesse na instrumentação original, ele sentava e fazia. Fato é que a instrumentação de Joaquim Naegele nunca foi, a priori, rebuscada. Rebuscada no sentido dele usar fagotes, oboés, trompas etc... A trompa naquela época até ele usava porque a banda da Campesina tinha trompas, mas a maioria das bandas em que ele ia não tinha trompa, então ele fazia uma instrumentação muito simples. Com certeza flauta tinha e provavelmente tinha a parte de percussão porque ele escrevia.

Estou com dificuldades para achar as partes originais da banda. O senhor sabe ou conhece alguém que tenha a partitura original da banda?

[Fernando Silveira] Eu me lembro de que esta obra foi publicada, mas não me lembro por quem [...] faz muito tempo. Lembro-me do senhor Afonso chegando com várias edições das partituras de Joaquim Naegele. Não sei se foram feitas por ele [Naegele] ou pela família, mas muitas das obras dele chegaram editadas, mas não me lembro por quem. Talvez ainda tenha no Salesiano.

Como o senhor resolveu o problema de respiração nessa obra, visto que não há lugar para respirar?

[Fernando Silveira] A banda do Salesiano, na época em que toquei lá, fez alguma adaptação em que a primeira variação do segundo tema não se fazia. O trecho final eu me lembro de que o maestro Afonso [maestro do Salesiano] colocou partes da sessão das clarinetas para os trompetes para que a gente consiga respirar, já que a parte de clarineta não tem lugar para respirar.

Essas alterações foram adotadas como parte da composição?

[Fernando Silveira] A banda só tocava assim. Mestre Afonso era muito amigo do Naegele e acredito que não se opusesse a esse tipo de adaptações.

Esta peça foi tocada quantas vezes?

[Fernando Silveira] Muitas vezes, a primeira pessoa que tocou essa peça no Salesiano foi o Sávio. Em 1988 toquei com André porque o Senhor Afonso ficava com muito medo de ‘melindrar’ as pessoas, então ele dividiu os solos para que duas pessoas tocassem.

O senhor conhece o porquê do nome “A Vida pela Flor”?

[Fernando Silveira] Não sei. Acho que é muito por conta da forma livre. Penso que talvez por não querer colocar concerto para clarineta, fantasia é um título mais dúbio, que dá margem para qualquer coisa que você queira tocar.

Com relação à forma, como o senhor vê essa obra?

[Fernando Silveira] A parte final dessa música é um rondó. Tinha o estribilho e voltava para uma variação diferente. Só não era um rondó porque a forma não era essa, mas um tema com variação. Essa música me parece muito com a forma romântica da Introdução com Variações de Weber.

Com relação à idiomática de Joaquim Naegele, quais pontos proeminentes o senhor vê como idiomáticos da escrita dele?

[Fernando Silveira] Uma das coisas que me marca muito nele e que acho que ele sempre faz muito bem, inclusive nos dobrados, são os temas menores. Acho uma constante, ou aparece em boa parte dos dobrados dele. Apesar do modo menor ser muito usado como variação de um tema pelos compositores, Joaquim Naegele usava esse modo quando ele queria ser lírico ou buscava algum lirismo em suas músicas. O que sempre vi no Naegele era que ele era um compositor muito simples, mas com idéias boas, e ele tinha, no caso do dobrado, umas ‘formulazinhas’ que funcionavam em qualquer dobrado escrito por ele, seja recente ou há décadas atrás, ou seja: uma introdução, primeiro tema que sempre voltava, uma ponte, segundo tema que voltava ao primeiro e pulava para o terceiro tema. É a forma tradicional encontrada no choro. É a fórmula tradicional da música brasileira ‘O Dobrado’. A fórmula que ele usou na primeira música, ele perpetuou para as demais músicas. Ele procura usar idiomáticamente o instrumento [...] provavelmente ele devia ‘colar’ no Arban para escrever a “Estrela de Friburgo”¹⁶, bem como deve ter consultado o Klosé para escrever “A Vida pela Flor”, ainda mais que, claramente, os trechos dessa obra são estudos que são facilmente encontrados no Klosé.



Transcrição da entrevista com o Sr. Uldemberg Fernandes. Entrevista realizada em Nova Friburgo no dia 14/12/2012, na residência do Sr. Uldemberg Fernandes (Gutinho), onde se encontrava presente, além dele próprio, o senhor Silvino Lemos. O Senhor Uldemberg Fernandes foi amigo de Joaquim Naegele e trabalhou com ele na banda Campesina Friburguense. Tocava clarineta na banda e a obra “A Vida pela Flor” foi dada para ele estudar e fazer sua primeira execução. Contudo, uma cirurgia às vésperas do recital impossibilitou que ele tocasse a peça.

¹⁶ Obra escrita para trompete e banda.

A clarineta era de 13 ou 17 chaves?

[Gutinho] “Na época que eu tocava já era de 23, melhor, de 21 chaves, sistema Böehm”.

[Silvino] “... A minha era sistema Müller com um pouquinho mais de recurso”.

Qual era a clarineta com que o senhor [Silvino] tocou a peça “A Vida pela Flor”?

[Silvino] “...Não me lembro... Talvez tivesse acesso ao sistema Böehm [...] quando fui para Campesina tocava com uma clarineta do Sistema Müller e depois é que passei para o Sistema Böehm”.

O estudo sistemático com a clarineta de 17 chaves do sistema Böehm foi com quem?

[Silvino] “Ah... quando fui estudar clarineta mesmo foi com o professor Jaoyleno dos Santos”.

O senhor teve acesso a métodos foi aqui [Nova Friburgo] ou lá [Conservatório de Música UFRJ]?

[Silvino] “Foi lá...”

Mas quando o senhor foi estudar com o professor Joyleno dos Santos já tocava bem a clarineta de 17 chaves?

[Silvino] “Já...” [Gutinho] “Ele teve aula um mês e pouco com o professor José Botelho, que deu aula para a Campesina e a Euterpe...” [Silvino] Quando fiz o concurso para o conservatório, eles davam a relação do que íamos tocar e tinha doze peças Klosé [método para clarineta], mas era outra versão do Klosé, para estudar, para sortear uma na hora e eles forneciam a cópia para a gente e eu estudei bastante aquilo... Nesta época já não estava mais na Campesina... Já estava na Euterpe. Pequei uma clarineta que não tinha somente os anéis daqui de baixo [mão direita], tinha aqui também [mão esquerda], o que facilitava muito também.

O uso do sistema Böehm facilitou para o senhor tocar a fantasia “A Vida pela Flor”?

[Silvino] “Facilitou muito... por exemplo, para fazer um ré³ e um fá³, ou fazia na forquilha, que saía desafinado, ou puxava o dedo para apertar a chavinha e saía sempre uma notinha no meio. Você não conseguia ligar as duas notas, tinha que desligar para fazer essas duas notas. Outra nota difícil de fazer era mi³ – fá#³... aí a gente tinha que inventar”.

Os dobrados dele [Joaquim Naegele] ajudaram o senhor a se preparar?

[Silvino] “[...] Tudo é uma evolução... Em Além Paraíba [MG] a banda era mais simples e não tocava música muito difícil não, e, quando tocava, nem tudo eu conseguia tocar. Me lembro quando saí pela primeira vez com a banda. Lá não se ensina método não, a gente aprendia com a música que iria tocar. A primeira música que aprendi a tocar foi o ‘Capitão Casula’, depois consegui tocar ‘Sargento Calhau’ [...], ou seja, quando saí com a banda tocava somente cinco músicas. Quando vim para cá [Nova Friburgo] o repertório era mais puxado e tive que estudar mais. Quando fui estreiar na Campesina estava aquele dobrado ‘Passeio Trágico’, que tinha uma passagem meio difícil e tive que estudar muito, então isso ajudava a gente a melhorar a técnica”.

[Gutinho] “Por causa disto que criei a banda escola [...] todos os garotos [novatos] iam para a banda principal e quando a banda estava ensaiando, o que acontecia? O maestro mandava eles pararem [...] aí, por ser professor de música da Campesina, criei uma bandinha que contemplasse esses garotos. [...] “

Com relação à clarineta, o senhor usava método ou eram os dobrados?

[Gutinho] “Método. Começava com o Nabor Pires Camargo, que era simples e depois estudavam o Klosé comigo também. A Campesina, naquela época, não existia método não... Joaquim pegava a música colocava para o garoto estudar e era a lição dele. Eu é que, quando criei a banda escola, coloquei os métodos para os garotos tocarem. A banda era pobre para comprar instrumental, era difícil, e aí não tinha como comprar método”. [Silvino] “A banda do bombeiro do Rio de Janeiro usava a versão italiana do Klosé [...], que era uma nota violenta”.

Os músicos da banda eram ensinados com músicas e dobrados somente do Joaquim Naegele?

[Gutinho] “Joaquim tocava música de todo mundo”.



Entrevista com o senhor Silvano Lemos realizada na livraria Letra Viva no centro do Rio de Janeiro em 16/10/2012. Silvano Lemos foi o primeiro clarinetista a tocar a obra “A Vida pela Flor” com a banda Campesina Friburguense. Hoje é major aposentado do Corpo de Bombeiros do Estado do Rio de Janeiro, cuja Banda Sinfônica regeu.

Como foi a chegada do senhor na Banda de Música Campesina Friburguense?

[Silvano Lemos] Quando eu fui para Nova Friburgo, fui para estudar porque meu pai queria que eu fizesse engenharia. Em Nova Friburgo tinha um cursinho e meu irmão já trabalhava na cidade. Então meu pai mudou para lá e meu irmão foi morar conosco. Comecei a fazer o cursinho. Como meu pai tinha me dado uma clarineta aquela de treze chaves com algumas chaves de repetição [...] naquela época creio que tivesse um dezoito anos. Havia algumas pessoas que tocavam em um bloco na minha rua e eu tocava com eles, até que um dia um dos diretores da Campesina me ouviu tocando e procurou saber quem eu era e me levou para Campesina. Como os ensaios da Banda eram à noite, na mesma hora do cursinho, acabei abandonando o cursinho. [...] Estreei em julho de 1968, foi quando Joaquim compôs um dobrado chamado “Vanor Teixeira”, que era um médico que doou a primeira trompa para banda.

Qual foi o ano que o senhor tocou a peça?

[Silvano Lemos] Provavelmente em 1971.

O Senhor conhece o porquê do nome “A Vida pela Flor”?

[Silvino Lemos] O Nome original era em alemão que foi traduzido como “A Vida pela Flor”. Talvez na partitura original esteja escrito, isto eu não sei te dizer. Joaquim Naegele era um camarada muito simples, carregava consigo o jeito daquela pessoa que nasceu no interior, mas ele tinha um “quê” de filósofo muito grande. O irmão dele era jornalista e ele lia muito. Joaquim Naegele era uma pessoa muito instruída, mas autodidata. Então talvez “A Vida pela Flor” tenha alguma coisa filosófica nesse meio.

O senhor sabe por que ele escreveu a peça?

[Silvino Lemos] Isso não sei.

Como que o senhor teve contato com esta obra?

[Silvino Lemos] De repente ele apareceu com esta peça, me deu para estudar e disse: “Olho de gato, estuda esta peça aqui porque você vai tocar ela”. A partir daí comecei a estudar.

O senhor conhece alguma obra mais antiga do que essa para formação clarineta solista e banda?

[Silvino Lemos] Sim, conheço uma obra de Amadeu Teixeira, um major da Polícia Militar do Rio de Janeiro, intitulada “São Cosme e São Damião”. Ela é uma procissão, ou melhor, uma peça com tema e variações. Eu toquei essa peça também.

O senhor lembra o local no qual “A Vida pela Flor” foi executada pela primeira vez?

[Silvino Lemos] Foi em um lugar chamado Riograndina, um distrito de Nova Friburgo, numa Quermesse em frente à igreja.

Naquela ocasião o senhor lembra qual era a instrumentação usada?

[Silvino Lemos] Bem, vou falar os instrumentos que tínhamos na banda: saxofone alto, saxofone tenor, sax Horn mi bemol, trompetes, trombone, bombardino, tuba em mi bemol, tuba em si bemol, pícolo, flauta, clarineta em mi bemol, clarinetas e a percussão era pratos, bumbo e caixa.

O senhor conheceu o processo de criação das músicas de Joaquim Naegele?

[Silvino Lemos] Ele não fazia partitura. Ele fazia a melodia, criava a introdução e a coda final. A partir desse ponto ele já copiava para o instrumento no qual imaginara a melodia e anotava o acorde que compunha aquela seção. O próximo passo era escrever o contracanto, que era composto junto com a melodia principal e geralmente eram os saxofones tenores e os bombardinos que tocavam. Finalmente ele completava a harmonia com os outros instrumentos.

A cadência no início de “A Vida pela Flor” é uma característica das obras de Joaquim Naegele para instrumento solista e banda?

[Silvino Lemos] É uma característica dele. Se for observar bem, a cadência é própria do período clássico, que geralmente era feita do meio para o final da peça sobre um acorde dominante e acabava na tônica. Mas, nas obras de Joaquim Naegele, tais cadências eram feitas no início.

Logo após a cadência no Andante existe uma indicação de um tipo de trêmulo que é característico para o violino. Como o senhor resolveu essa indicação?

[Silvino Lemos] Esse trêmulo ele colocava, mas fazíamos uma nota “lisa” mesmo.

O senhor tocou os dobrados escritos pelo Joaquim Naegele?

[Silvino Lemos] Na Campesina Friburguense toquei a maioria dos dobrados dele. Uma característica marcante em todas as peças dele é a tonalidade menor. Se não me engano, ele gostava muito do tom de ré menor, mi menor para clarineta.

Na banda da Campesina Friburguense o senhor tocava, além dos dobrados, outras músicas, como transcrições para banda de ária de ópera?

[Silvino Lemos] Tinha várias transcrições de ópera, não me lembro de todas, mas lembro do ‘Rigoletto’.

O senhor vê outra característica na pessoa ou na obra de Joaquim Naegele?

[Silvino Lemos] Ele foi um grande educador e formador de profissionais. Temos músicos no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, na “Globo”, no Corpo de Bombeiro do Rio de Janeiro e vários cantores.

- Parte original de clarineta da obra “A Vida pela Flor” -

I "FANTASIA PARA CLARINETE"

AVIDA PELA FLOR
ALEGEN DEIN BLUTE

The musical score is written on ten staves. It begins with a treble clef and a key signature of one sharp (F#). The first staff contains the title 'AVIDA PELA FLOR ALEGEN DEIN BLUTE' written in a stylized, hand-drawn font. The music is characterized by dense, flowing lines with many slurs and ties. Dynamics include 'Andante' (written twice), 'Solo Andate', and 'Tombolo'. The notation includes various note values, rests, and articulation marks. The piece concludes with a final cadence on the tenth staff, followed by several empty staves.

II

Allegro

S. Tracti

Handwritten musical score for a single melodic line. The score consists of 11 staves of music. The notation is dense and includes various ornaments, slurs, and dynamic markings. The first staff begins with a treble clef and a key signature of one sharp (F#). The music is written in a style characteristic of 18th or 19th-century manuscript notation. The piece concludes with a double bar line and a fermata on the final note.

All. Mod.

1a. Variaz.

Vire Tractido

III

Handwritten musical score on ten staves. The notation is dense and complex, featuring many sixteenth and thirty-second notes, often beamed together. The score includes several dynamic markings: *pp* (pianissimo) at the beginning, *pp* and *ppp* (pianississimo) in the middle, and *Pia Mosso* (Piano Mosso) in the lower middle section. There are also some markings that look like *pp* or *ppp* with a vertical line through them. The music is written in a single system across ten staves, with various clefs and time signatures. The handwriting is fluid and characteristic of a composer's sketch or a personal manuscript.

IV

A single staff of handwritten musical notation. It begins with a treble clef and a key signature of one sharp (F#). The notation includes several measures with notes, rests, and accidentals. The piece concludes with a double bar line and a repeat sign.

Per: Jacques Vaegele

6-1-84

A series of ten empty musical staves, arranged vertically, providing space for further musical notation.

- Parte de clarineta com as sugestões e correções -

Clarinet in B \flat 1

A Vida pela Flor

Fantasia

Joaquim Antônio Langdorf Naegele
Edição: Daniel Souza de Araujo

Majestoso

f

5

A **Andante**

f *mf* *f*

11

mf *f*

mf *tr.* *rall.* **Andante Lento**

13

B **Soli**

mp *espress.* *cresc.* *rall.* *f*

21

a tempo *mf*

25

28

C *a tempo* *f*

30

2

A Vida pela Flor

33 *mf*

37

40 *accel.*

42

44 *p*

46 **D** *Allegro* *f*

48 *p*

53

E *f*

58 *rall.*

F *Andante* *p*

A Vida pela Flor

3

65

68

G *a tempo*

73

76

80

H **Allegro Moderato**
1º Tema

86

89

92

96

4

A Vida pela Flor

I

1ª Variação

f

103

106

109

112

J

115

f

118

121

124

127

130

A Vida pela Flor

5

K

134

136

138

140

142

144

146

L Allegro Vivo

7 6

M

Allegro Moderado
2º Tema

f

A Vida pela Flor

7



Q *ced..* **mf**

Musical staff with a fermata over a whole note, a measure rest, and a melodic phrase starting with a sharp sign (#). The dynamic marking *mf* is at the end.

R 3ª Variação *a tempo*

Musical staff 204: Treble clef, starting with a melodic line of eighth notes and quarter notes, some beamed together. The staff ends with a double bar line.

S *ced..* **mf**

Musical staff with a fermata over a whole note, a measure rest, and a melodic phrase starting with a sharp sign (#). The dynamic marking *mf* is at the end.

T 4ª Variação *a tempo*

Musical staff 210: Treble clef, starting with a melodic line of eighth notes and quarter notes, some beamed together. The staff ends with a double bar line.

8

A Vida pela Flor

220

222

224

U

7

ced..

mf

V *piu mosso*

236

238

W

240

3

4

X

3

A Vida pela Flor

9

Y Solo

255

257

259 **2**
mf

262

Z Solo

ff

266

268 *f* *fp*